



UM SERTÃO E UM MAR DE “LIRISMO E SAUDADE”:

O SERTÃO E O LITORAL POTIGUAR NAS OBRAS DE NEWTON NAVARRO COMO REPRESENTAÇÃO DO HOMEM, ESPAÇO E CULTURA NORDESTINA

EIXO TEMÁTICO: REGIMES DE VERACIDADE E HISTORICIDADE

MADRUGA, Natália Melchuna

Arquiteta e urbanista, doutoranda na Universidade Federal do Rio Grande do Norte
natalia.mmadruga@gmail.com

SARABIA, Mônica Luize

Socióloga, Mestre e Doutora em Desenvolvimento Urbano. Pós-Doutoranda em Desenvolvimento Estratégico na Universidade Federal do Rio Grande do Norte
monicaluize@gmail.com

RESUMO

Este artigo explora como a arte de Newton Navarro, artista plástico e escritor, retrata o Nordeste do Brasil, mais especificamente o sertão e o litoral do Rio Grande do Norte. Navarro utiliza sua vivência e seu olhar sobre esses espaços para compor suas obras, empregando temas e estilos do movimento regionalista tradicionalista ao qual estava vinculado. Ao optar por retratar paisagens naturais da caatinga e do litoral, figuras como vaqueiros e pescadores, Navarro mobiliza um sentimento de nostalgia e a saudade em suas obras. Dessa maneira, colabora para a construção cultural da região, ajudando a consolidar o imaginário do que seria a "tradição" e/ou a "identidade" do Nordeste. Assim, ele oferece uma resistência às mudanças sociais e espaciais, bem como ao ideal de "modernidade e progresso" que a região vivenciou durante o século XX.

PALAVRAS-CHAVE: nordeste; arte; sertão; litoral; Newton Navarro.

ABSTRACT

This article explores how the art of Newton Navarro, a plastic artist and writer, presents the Northeast of Brazil, specifically the “sertão” and the coast of Rio Grande do Norte. Navarro uses his experiences and perspectives on these spaces to compose his works, employing themes and styles from the traditionalist regionalist movement to which he was linked. By choosing to depict natural landscapes of the caatinga and the coast, and figures such as cowboys and fishermen, Navarro mobilizes a sense of nostalgia in his works. In this way, he contributes to the cultural construction of the region, helping to consolidate the imagery of what would be the "tradition" and/or "identity" of the Northeast. Thus, he offers a form of resistance to the social and spatial changes, as well as to the ideal of "modernity and progress" that the region experienced during the 20th century.

KEY-WORDS: Northeast; art; “sertão”; coast; Newton Navarro

RESUMEN

Este artículo explora cómo el arte de Newton Navarro, artista plástico y escritor, retrata el Nordeste de Brasil, específicamente el sertão y la costa de Rio Grande do Norte. Navarro utiliza su experiencia y su mirada sobre estos espacios para componer sus obras, empleando temas y estilos del movimiento regionalista tradicionalista al cual estaba vinculado. Al optar por retratar paisajes naturales de la caatinga y de la costa, y figuras como vaqueros y pescadores, Navarro moviliza un sentimiento de nostalgia y añoranza en sus obras. De esta manera, contribuye a la construcción cultural de la región, ayudando a consolidar el imaginario de lo que sería la "tradición" y/o la "identidad" del Nordeste. Así, ofrece una forma de resistencia a los cambios sociales y espaciales, así como al ideal de "modernidad y progreso" que la región experimentó durante el siglo XX.

PALABRAS CLAVE: Nordeste; arte; sertão; costa; Newton Navarro.

INTRODUÇÃO

Newton Navarro Bilro (1928-1992) foi um artista plástico e escritor natalense. Seu trabalho se destaca por ser considerado um dos representantes do movimento modernista em Natal, na segunda metade do século XX, juntamente com Dorian Grey Caldas (1930-2017)¹, também artista plástico. Ao observar as suas obras, principalmente as artes plásticas, a temática do sertão, litoral e personagens representativos desses espaços é recorrente, e se pode supor que isso, além de abordar muito sobre a própria história de vida de Navarro, também se relaciona com processos que a região Nordeste e o Rio Grande do Norte passavam na época.

Este artigo é um dos resultados da pesquisa “Territórios resilientes: processos de formação da paisagem, da arquitetura e da cidade no semiárido”, desenvolvida no Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (PPGAU/UFRN). E é um desdobramento do estudo realizado sobre a obra literária de Newton Navarro, focando particularmente em suas crônicas, durante a elaboração da dissertação 'Natal em Prosa: Representações da sociedade e da cidade nas crônicas de Augusto Severo Neto e Newton Navarro', defendida em 2023 no mesmo programa.

A dissertação discute como, mesmo em um período de efervescência em Natal após a Segunda Guerra Mundial—quando a cidade sediou uma base militar americana, resultando em rápido crescimento demográfico, expansão urbana e transformações sociais—, Newton Navarro publicava textos que destacavam atividades tradicionais, como a pesca e a vida tranquila nos bairros periféricos da época, como Rocas, Santos Reis e Alecrim. Essas crônicas contrastavam com as mudanças aceleradas vividas pela cidade, oferecendo uma visão alternativa e nostálgica em meio ao processo de modernização. Essa característica da obra de Navarro vai além da literatura, pois também está presente nas artes plásticas. Os murais,

¹ Dorian Gray foi um desenhista, escultor, ceramista, tapeceiro, poeta e ensaísta que contribuiu para a modernização das artes plásticas no Rio Grande do Norte

quadros e desenhos do pintor são caracterizados pela constante presença da representação de elementos do sertão, como o vaqueiro, o cangaceiro e a vegetação, e a representação do litoral, como pescadores, barcos e o mar.

O objetivo deste artigo é explorar a obra de Navarro, analisando como sua produção artística, abrangendo tanto a pintura quanto a literatura, contribuiu para a construção e o fortalecimento de uma identidade regional nordestina. A pesquisa foca principalmente no período de 1950 a 1990, quando Navarro, por meio de suas representações artísticas, enfatizou elementos que simbolizam uma 'tradição nordestina'. Esses elementos dialogam com o que Durval de Albuquerque Júnior (2011) descreve como 'Espaços de Saudade' e 'Enredos de Tradição', aspectos fundamentais do processo discursivo sobre o Nordeste. Essa construção simbólica contribuiu para a consolidação de uma imagem do que hoje é reconhecido como Nordeste, reforçando uma identidade regional específica.

NOS PINCEIS E NAS LETRAS: UMA BREVE EXPLICAÇÃO METODOLÓGICA

As artes produzidas por Navarro, tanto as plásticas quanto as literárias, podem nos revelar perspectivas históricas sobre a dinâmica social e econômica dos territórios do nordeste. O olhar para esse material como uma possibilidade de fonte histórica se aproxima da discussão trazida por Carlo Ginzburg (1991) na qual o autor valoriza a interdisciplinaridade nos estudos historiográficos, discute como os detalhes de uma obra de arte podem revelar aspectos da sociedade e defendem as “conexões puramente formais” para a validação da pesquisa.

A utilização dessa categoria de documentação para os estudos do passado é uma das abordagens da história cultural², descrita pela historiadora Sandra Pesavento (2012) como uma maneira de decifrar o passado por meio das representações, tentando chegar às formas

² Novo método de estudar história proposto no início do século XX pela escola francesa dos Annales. A qual passava a olhar para a sociedade considerando os aspectos sociais, políticos, culturais e econômicos na sua totalidade, propondo assim a interdisciplinaridade e questionando o olhar superficial para a história.

discursivas e imagéticas pelas quais os homens expressam a si próprios e o mundo. Essas representações são explicadas por Roger Chartier como “em diferentes lugares e momentos uma determinada realidade social é construída, pensada, dada a ler”, investigando as categorias fundamentais de “percepção e apreciação do real”, os “esquemas intelectivos” de grupos e atores sociais, suas estratégias e práticas assim como o campo de disputas e concorrências no qual se inserem (Chartier, 1988, p. 16-17).

Essas representações podem ser acessadas por diversas fontes, entre elas as artes, que ajudam a manifestar sensibilidades e imaginários. O historiador Henrique Lucena (2020) destaca em seu trabalho que a "arte é uma materialização das subjetividades, das vivências e das memórias" (Lucena, 2023, p. 73). Isso se alinha ao que o historiador Marc Bloch (2001) afirma: "Tudo o que o homem diz ou escreve, tudo o que fabrica, tudo o que toca pode e deve informar sobre ele" (Bloch, 2001, p. 79).

Entretanto, Pesavento (2012) ressalta alguns pontos aos quais devemos atentar ao trabalharmos com as representações: Elas estão entre a ausência e a presença, visto que são como um reflexo, uma construção feita a partir do real. Além disso, são matrizes geradoras de condutas e práticas sociais, dotadas de força integradora e coesiva. Por fim, a autora considera que o desafio dessa maneira de estudar história é interpretar os múltiplos cruzamentos de discursos que trazem diferentes pontos de vista e expressam sensibilidades sobre o mundo (Pesavento, 2004).

A importância da produção artística como maneira de mobilizar representações está diretamente relacionada ao processo de legitimar o recorte do nordeste como uma região, pois como Albuquerque Júnior (2011) explica, existiu um processo de inversão discursiva-imagética sobre o Nordeste que criou uma identidade regional.

Nos próximos tópicos iremos discutir brevemente sobre esse processo da “legitimação do nordeste” e como isso se conecta com a vida e obra de Newton Navarro.

CRIANDO O NORDESTE

O território Nordeste, que se tem interesse em conceituar, guarda em sua história uma coleção de designações que ao longo do tempo o foram definindo, desde a denominação de Províncias do Norte, Norte Oriental, Norte, até chegar ao termo Nordeste (Ferreira, Dantas e Simonini, 2018).

Esta denominação Nordeste conhecida na atualidade foi primeiramente citada pela Inspetoria Federal - IFOCS no ano de 1919³, quando da definição da sua área de atuação, como mostrou Albuquerque Jr. no livro *“A invenção do Nordeste e outras artes”* (Albuquerque Junior, 2011) o autor afirma que o Nordeste que conhecemos é filho da seca.

Em 1938 essa denominação foi oficializada sendo critério estatístico adotado pelo Ministério da Agricultura no documento Anuário Estatístico do Brasil. Ao longo dos anos, o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) estabeleceu várias escalas de divisões regionais, culminando em 1942 com a criação das Grandes Regiões, que agrupavam as Unidades da Federação com base nas características geográficas do Brasil. Essas regiões foram oficialmente denominadas como Norte, Meio-Norte, Nordeste Ocidental, Nordeste Oriental, Leste Setentrional, Leste Meridional, Sul e Centro-Oeste.

Este Nordeste tão pouco a pouco “constituído”, “engendrado”, “gestado” foi “oficialmente” estabelecido pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE apenas no ano de 1969, onde foram definidas também as outras regiões do país Norte, Sul, Sudeste e Centro-Oeste. O IBGE levou em consideração os aspectos naturais ao conceber a divisão do país em regiões como elas existem hoje, sendo esses aspectos: clima, vegetação, relevo e hidrografia. Essas regiões também são denominadas como “Regiões naturais do Brasil”.

³ Criado sob o nome de Inspetoria de Obras Contra as Secas - IOCS em 1909. Foi até 1959 a única agência governamental federal executora de obras de engenharia na região Nordeste, construiu açudes, estradas, pontes, portos, ferrovias, hospitais e campos de pouso, implantou redes de energia elétrica e telegráficas, usinas hidrelétricas e prestou socorro às pessoas afetadas pela seca (DEPARTAMENTO NACIONAL DE OBRAS CONTRA AS SECAS, 2024).

Dessa subdivisão original, surgida historicamente da separação do país em Norte e Sul, permaneceram o atraso, o subdesenvolvimento e a desigualdade, estigmas que macularam social, cultural e principalmente economicamente as regiões Nordeste e Norte do país, perpetuando a ideia de atraso e má distribuição de riqueza em relação às demais regiões.

Retomando Albuquerque Júnior (2011), a “Invenção do Nordeste” se inicia no final do século XIX, resultado de um processo que envolveu a grande seca da década de 1870⁴, a ascensão das províncias cafeeiras paulistas e mineiras, a industrialização e a consequente perda de poder das oligarquias do açúcar e do algodão que dominavam o espaço da atual região Nordeste. Essas oligarquias sentem a necessidade de se unir para defender seu espaço político e econômico e veem no fenômeno da seca a oportunidade de arrecadar recursos financeiros para investimentos na região.

Desse modo, acontece um processo de institucionalização do Nordeste. As elites oligárquicas, afetadas pela perda de poder, começam a agir como grupo; os interesses se tornam do grupo, passa a existir um recorte espacial e objetivos em comum. O Nordeste se torna uma unidade, e assim é feito um esforço de elaboração de uma memória social, cultural e artística que pudesse servir de base para sua instituição como região. (Albuquerque Júnior, 2011, p. 80).

O grupo cria assim uma “tradição” para o Nordeste, como modo de preservar a antiga ordem em meio às transformações e novos arranjos nacionais, garantindo a perpetuação de privilégios e lugares sociais ameaçados. Porém, como essas elites foram as responsáveis por definir o que seria essa tradição, ela acabou ficando caracterizada por fragmentos de um passado rural, do latifúndio, das práticas patriarcais e do folclore, por exemplo.

Assim, apesar de parecer que a construção desse território nordestino teve início no princípio do século XX, na verdade o território já existia, mas a ideia de Nordeste como região

⁴ A chamada grande seca ocorreu entre 1876-1879, segundo Rebouças (2020) foi uma seca planetária que afetou fortemente o sertão nordestino principalmente o Ceará. A autora conta da alta mortalidade da população em razão da fome e da disseminação de doenças da onda de retirantes-emigrantes que saíam dos sertões em direção ao litoral.

era inexistente, o que talvez seja uma das linhas de investigação mais importantes: o entendimento de quando e como essa definição de Nordeste se deu. Não se pode negar que, para o senso comum, o Nordeste é uma ideia já cristalizada, mas na realidade foi algo criado, construído, concebido e delineado apenas no início do século XX.

A divulgação e o estabelecimento dessa “tradição” em grande parte foram feitos por meio da valorização e registro de culturas profundamente enraizadas. Então se incentivou a produção e a discussão de discursos e imagens criadas pela elite intelectual, a qual também, de algum modo, estava inserida nas elites oligárquicas que estavam estruturando o que seria o Nordeste.

O Movimento Regionalista⁵, instigado pelo pensador Gilberto Freyre, representou um ponto de fundamental na criação de uma cultura genuinamente nordestina, contrastando com o Movimento Modernista de 1922, florescente no sudeste do país. O Manifesto Regionalista de 1926 figura como um dos documentos marcantes da Primeira Fase do Modernismo no Brasil (1922-1930).

Freyre liderava o grupo modernista-regionalista de Recife, composto por escritores que contestavam a onda de renovação cultural promovida pelo Modernismo. Esses autores se autodenominavam o grupo modernista-regionalista de Recife, liderados pelo sociólogo pernambucano Gilberto Freyre. Desse movimento em prol da valorização da cultura regional, emergiram nomes como Graciliano Ramos, José Lins do Rego, José Américo de Almeida, Rachel de Queiroz e Jorge Amado, como destacou Albuquerque Jr. (2011) ao analisar a literatura sobre o Nordeste.

⁵ Segundo Freyre (1977) O Centro Regionalista do Nordeste foi fundado em 1924 em Recife sob a direção de Gilberto Freyre. Tinha como objetivo desenvolver o sentimento de unidade do Nordeste e trabalhar em prol dos interesses da região nos seus aspectos diversos: sociais, econômicos e culturais. Para isso, uma das estratégias foi congregar os elementos de vida e da cultura nordestina, promovendo eventos culturais, disponibilizando obras de autores nordestinos nas bibliotecas e editando a revista “O Nordeste” a qual era dedicada aos estudos das questões nordestinas e ao registro da vida regional.

As manifestações em prol de um regionalismo puramente nordestino ganharam destaque no "1.º Congresso Regionalista do Nordeste", cujo teor refletia a urgência de preservar a riqueza cultural da região, batizando, assim, o manifesto regionalista de 1926. No parágrafo abaixo, retirado do Manifesto Regionalista apresentado pela primeira vez em 1926, Freyre explica o que seriam essas tradições nordestinas:

Talvez não haja região no Brasil que exceda o Nordeste em riqueza de tradições ilustres e em nitidez de caráter. Vários dos seus valores regionais tornaram-se nacionais depois de impostos aos outros brasileiros, menos pela superioridade econômica que o açúcar deu ao Nordeste durante mais de um século do que pela sedução moral e pela fascinação estética dos mesmos valores. Alguns até ganharam renome internacional como o mascavo dos velhos engenhos, a Pau-Brasil das velhas matas, a faca de ponta de Pasmado ou de Olinda, a rede do Ceará, o vermelho conhecido entre pintores europeus antigos por "Pernambuco", a goiabada de Pesqueira, o fervor católico de Dom Vital, o algodão de Seridó, os cavalos de corrida de Paulista, os abacaxis de Goiana, o balão de Augusto Severo, as telas de Rosalvo Ribeiro, o talento diplomático do Barão de Penedo - doutor "honoris causa" de Oxford (Freyre, 1926, p. 52)

Entre suas obras, Freyre publicou livros como "Casa Grande e Senzala" em 1933 e "O Nordeste" em 1937, nos quais trata das características naturais, sociais e culturais, como a culinária, a arquitetura, as cidades e os costumes relacionados ao litoral nordestino, mais especificamente à zona que tinha o cultivo da cana-de-açúcar como atividade econômica.

No mesmo ano, em interlocução com "O Nordeste" de Freyre, o sociólogo cearense regionalista Djacir Menezes publicou "O Outro Nordeste", no qual o foco é a área da caatinga, do semiárido, a zona rural e a vida dos sertanejos vaqueiros das fazendas e currais do sertão. Em seu livro, Menezes explica que, para ele, existem ao menos três nordestes diferentes: "(...) dos vaqueiros, dominando a caatinga; dos engenhos, dominando o litoral e vales úmidos da costa para o ocidente da Serra do Mar; dos pescadores, dominando as praias baixas, arenosas, cheias de dunas" (Menezes, 1937, p. 113).

Com isso, Menezes (1937) proporciona uma visão aprofundada e não distorcida dos diversos tipos sociais presentes no Cariri do início do século XX, como os coronéis, beatos, cangaceiros e vaqueiros, e de suas interações dentro do contexto local. Ele mergulha na complexidade das dinâmicas sociais, culturais e políticas da região, oferecendo um retrato autêntico do "Outro Nordeste", aquele do interior, marcado pela seca e pela caatinga, contrapondo-se ou

complementando o Nordeste açucareiro e opulento de Freyre. Isso contribuiu para a fixação dos "personagens" dessa singular cultura nordestina, trazendo consigo, em suas narrativas, os estereótipos que ajudam a caracterizar essa sociedade peculiar.

É relevante registrar a presença desses tipos sociais no cenário do Nordeste brasileiro, pois, como bem observou Albuquerque Junior (2011), eles se tornaram ícones do imaginário coletivo, representações sociais que moldam a visão do Nordeste do Brasil, construída ao longo do século XX em diversas obras, como as já mencionadas e também na literatura, como em "Os Sertões" de Euclides da Cunha (2019), "Vidas Secas" de Graciliano Ramos (2013), "O Sertanejo" de José de Alencar (2010), "Grande Sertão: Veredas" de João Guimarães Rosa (2001), entre outras que descrevem e refletem, por meio de seus personagens, esses tipos sociais enraizados na cultura nordestina.

Além disso, é interessante notar como esses tipos sociais, presentes na literatura das décadas de 1930, buscam retratar e eternizar a história e a memória do Nordeste, especialmente com foco na seca e no Sertão, como ressaltou Ariano Suassuna (2005) ao revisitar Euclides da Cunha. Ele destaca o papel de Euclides em cristalizar "a imagem do Sertão tal como ela se enraizou em nosso imaginário", fornecendo o contexto sócioeconômico-cultural no qual a literatura da época, o Cinema Novo, a telenovela, o teatro e as artes plásticas se movimentaram ao longo do século XX.

Albuquerque Júnior (2011) explica que as obras desses sociólogos regionalistas tradicionalistas, juntamente com os romancistas da década de 1930, pintores, músicos, diretores de filmes e novelas que se identificavam com o movimento, criaram e repetiram exaustivamente estereótipos imagéticos e discursivos que acabaram por produzir uma memória e uma identidade regional histórica para a região e, desse modo, inventaram o Nordeste:

Nesse discurso, a ideia de popular se confunde com as de tradicional e antimoderno, fazendo com que a elaboração imagético-discursiva Nordeste tenha enorme poder de impregnação das camadas populares, já que estas facilmente se reconhecem em sua visibilidade e dizibilidade (Albuquerque Júnior, 2011, p.92).

O historiador discorre que nesse processo foi criado “o novo que negava a novidade”, isto é, foi feita uma produção de memória para que os o povo antigo e o novo se reconheçam nelas. Assim, a região Nordeste, mais especificamente o sertão, não apenas representou um desafio para o projeto de modernização do país, mas também se tornou um espaço mítico por excelência, encapsulando o Brasil profundo, desconhecido e, conseqüentemente, o maior desafio para a busca da modernidade pela nação e pela República.

NEWTON NAVARRO: VIVÊNCIAS DE UM SERTÃO E UM LITORAL EM TRANSFORMAÇÃO

O Rio Grande do Norte tem o artista natalense Newton Navarro como um dos representantes do movimento regionalista tradicionalista de Freyre. Navarro foi pintor, muralista, poeta, cronista e contista, tendo o Nordeste e o povo nordestino como temática decorrente da sua obra.

Navarro nasceu em Natal em 1928, quando a cidade se transformava durante as obras da administração de Omar O’Grady (1924-1930), que é reconhecida por ter colocado a cidade em um ciclo de modernização e desconstrução das características coloniais (Dantas, 2003). O pintor viveu sua juventude na época da Segunda Guerra Mundial e do pós-guerra, e assim viu a cidade crescer e se transformar física e socialmente.

Além disso, apesar de ter nascido na capital do estado, a família de Navarro possuía origens sertanejas com uma fazenda no município de Angicos, localizado no interior do estado do Rio Grande do Norte. O historiador Henrique Lucena (2020) conta que o pai de Newton Navarro, Elpídio Soares Bilro, trabalhava com algodão na fazenda da companhia inglesa *Machine Cotton* e assim, Navarro teve uma vivência no sertão, contato com a caatinga, com vaqueiros, o gado e as atividades agrícolas da região: Esse fato foi lembrado pelo artista em entrevista publicada no jornal local *Tribuna do Norte*:

Minha mãe, professora primária, meu pai, um dos classificadores de algodão, modéstia parte, da melhor qualidade na época, porque ele vinha de uma família interiorana, inclusive parentes até vaqueiros, coisa que me honra muito e que deu assim uma autenticidade muito grande, muito marcante, em certa fase da minha

pintura, do meu desenho, e ainda hoje, assinalo essa presença do sertão, do lado telúrico por parte do meu pai que me contava histórias e que, nas férias escolares do meio do ano e do fim de ano, geralmente passava na fazenda dos parentes, dos tios, dos irmãos do meu pai. (Navarro, 2006)

Da mesma maneira que Newton Navarro vivenciou as intensas transformações que aconteciam em Natal, ele também viu o sertão mudar. Lucena (2020) conta que as atividades econômicas que aconteciam no sertão, como as atividades agrícolas e a pecuária foram modernizadas e dinamizadas para a exportação de produtos primários para a Europa e Estados Unidos em decorrência das Grandes Guerras. O sertão ganhou a infraestrutura composta de estradas, ferrovias, construção de açude em razão das atividades da Inspetoria Federal de Obras contra as Secas (IFOCS) e isso tudo ocasionou um grande aumento populacional no interior do estado e mudanças nos costumes sociais da população.

O sertão nos pincéis e nas letras de Navarro

Essa vivência de Navarro no sertão e no litoral fez com que as paisagens e dinâmicas desses lugares fossem temas das suas obras. E como Lucena (2020) afirma, assim Navarro constrói o nordeste definido pela dupla paisagem do sertão e do rio-mar. O que complementa o trabalho de Freyre (1937) e de Menezes (1937) quando em suas obras eles apresentam os diferentes tipos de Nordeste.

Navarro filiou-se ao Regionalista e Tradicionalista Freyriano quando morou em Recife por volta de 1947. Teve como influência nas artes plásticas o trabalho de Lula Cardoso Ayres e Cícero Dias, também regionalistas, e as obras literárias de José Lins do Rego, Jorge Amado, Graciliano Ramos, Érico Veríssimo e Luís da Câmara Cascudo.

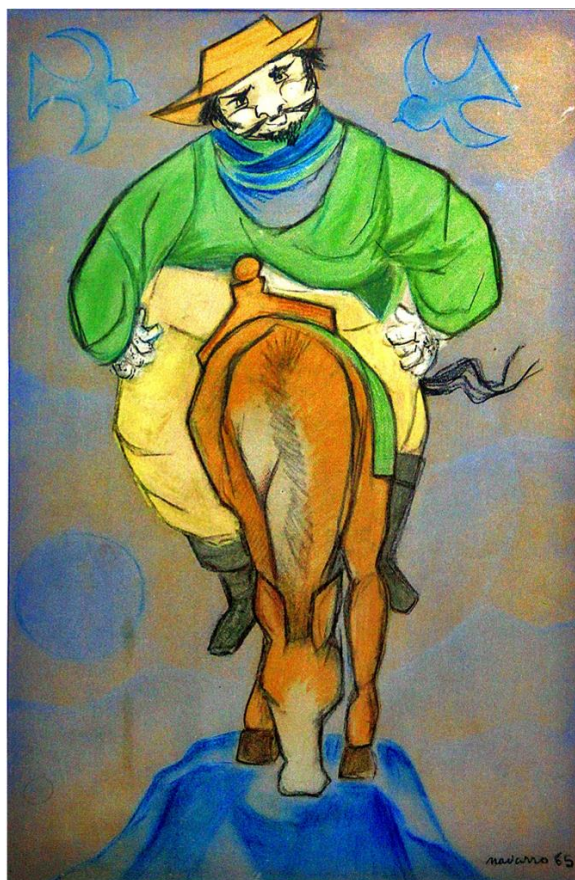
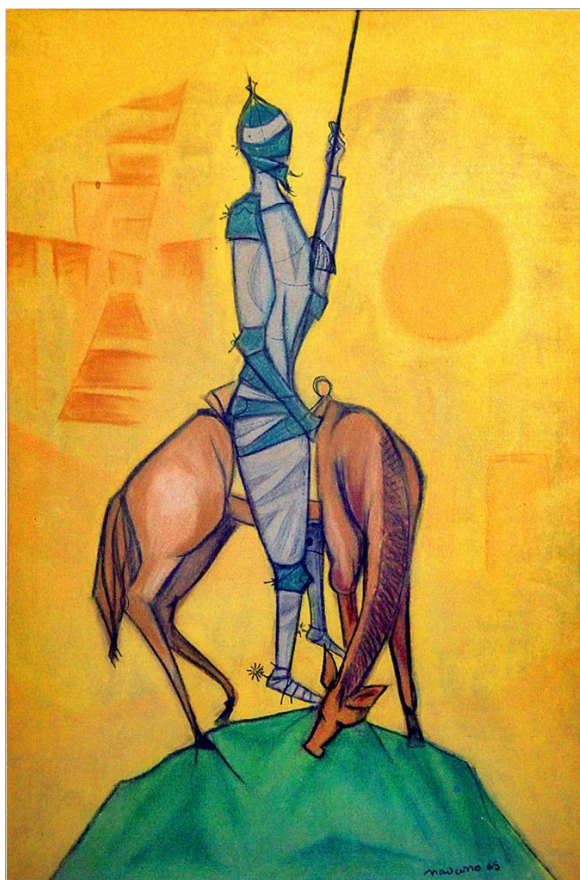
Navarro se destacou nas artes plásticas com a pintura de quadros e murais. Albuquerque Júnior (2011) explica a importância dessa manifestação artística para o movimento regionalista, pois segundo ele a pintura “realiza plasticamente essa visibilidade do Nordeste. Ela é fundamental na transformação em formas visuais das imagens produzidas pelo “romance de trinta” e pela sociologia tradicionalista e regionalista” (Albuquerque Júnior, 2011, p. 165).

O historiador conta que o próprio Freyre destacava que as pinturas ajudavam a fixar as formas regionais, desse modo era importante utilizar nas composições elementos como a constante presença de luz do sol, tons ocres, cenas dos engenheiros, carros de boi e outros que dessem ao Nordeste uma paisagem própria.

Essas características são bem visíveis na obra de Navarro, inclusive em uma fala do autor ele explicita que quer representar o homem Nordestino mesmo quando desenha Dom Quixote, o cavaleiro medieval criado pelo espanhol Miguel de Cervantes (Figura 01):

Minha temática é o Nordeste. Mesmo quando pinto Don Quixote eu o ponho vestido de vaqueiro, com traços característicos do homem nordestino. E quero ressaltar a dívida de gratidão que tenho com Luiz da Câmara Cascudo, cujos ensinamentos e conversas influenciaram minha temática telúrica. (Navarro in Galvão, 1982).

Figura 1: Dom Quixote e Sanjo Pança por Newton Navarro (1965)



FONTE: Acervo do núcleo de arte e cultura. Disponível em: acervus.ufrn.br

Desse modo Navarro pinta um sertão nostálgico, utilizando tons amarelados para criar a sensação de sol forte. Seus homens vestem roupas de couro, e elementos como o boi, o cavalo, a vegetação do semiárido, o trabalho no campo, o folclore, as referências ao cangaço e à religião estão constantemente presentes em suas pinturas.

É importante destacar o protagonismo dos “tipos sociais nordestinos” como vaqueiros, cangaceiros, o coronel, o profeta e diversos animais. Abaixo, por exemplo, a primeira imagem representa o cangaço (Figura 2). Além dos homens vestidos com roupas de couro e armados, Navarro centralizou o sol na parte superior da imagem, usando o amarelo em contraste com o verde da vegetação de cactos ao fundo dos personagens.

Figura 2: Cangaceiros- Newton Navarro (1970)



FONTE: Acervo SESC-RN

Já na imagem a seguir, Navarro representa o vaqueiro em seu ofício (Figura 3), e novamente utiliza tons ocres. O céu amarelado indica a força do sol, com os animais, o homem com roupa de couro e os cactos indicando a vegetação típica da região.

Figura 3: Sem título (1988)



FONTE: Acervo Woden Madruga

Já na imagem abaixo o artista representa um menino brincando com miniaturas dos bois (Figura 4), com vestes normais, mas com chapéu de couro. Pela composição das figuras ao fundo da imagem pode ser que o autor quisesse representar dois espaços: um externo onde o cavalo corre em meio a vegetação e sob um sol forte alaranjado, e um interno ou parcialmente interno, onde o calor continuar, porém, mais fraco, mas onde o menino brinca e o cachorro, seu animal de estimação descansa. Provavelmente o autor quis representar a infância nesse sertão, o que pode remeter à própria infância do artista.

Figura 4: Sem título (1988)



FONTE: Acervo Antônio Marques

Newton Navarro também deixou sua contribuição para a literatura norte-rio-grandense. Publicou livros de poemas, crônicas e contos, além de colaborar regularmente com crônicas para os jornais locais A República, Tribuna do Norte e Diário de Natal. Embora a literatura seja uma forma distinta de expressão, é possível identificar semelhanças entre as obras literárias e as pinturas de Navarro. Com as palavras, ele consegue estabelecer um ritmo, caracterizar paisagens e provocar sensações, de maneira semelhante à sua abordagem na pintura. O jornalista Gustavo Sobral descreve a escrita de Navarro afirmando que:

Navarro trouxe para a sua literatura a sua capacidade de observação do desenhista e pintor. O pano de fundo, o quadro, e muitas vezes a história do

conto, é o próprio ambiente criado por ele com a presença da cor e as mudanças sutis que tornam os contos da primeira fase peças de extrema beleza e apuro descritivo. A literatura é a expressão em que reuniu toda a sua multiplicidade artística, o escritor está impregnado pelo artista plástico e pelo teatrólogo (Sobral, 2015 p. 60)

Os temas do sertão-litoral, assim como na pintura, são constantemente abordados nos textos de Navarro. O artista ao tratar do sertão, também traz para a sua literatura características literária do movimento regionalista em que os principais representantes foram os romancistas de trinta os quais:

Eles inventam um Nordeste tradicional, o que não significa que partam do nada. Significa que eles escolhem entre lembranças, experiências, imagens, enunciados, fatos aqueles que consideram essenciais e característicos desta região, de um tipo regional. Na verdade, selecionam imagens e enunciados, formas e materiais de expressão que se coadunam com uma dada visibilidade e dizibilidade do Nordeste, as do Nordeste como o lugar da conservação de uma identidade ameaçada a de se perder. (Albuquerque Júnior, 2013, p. 127)

Albuquerque Júnior (2013) argumenta no seu trabalho que essa literatura regionalista explora “problema da seca” como uma maneira de denunciar uma realidade local e para isso apresentam uma “paisagem desértica, crestada, ressequida, desnudada. Imagens de um Nordeste que parece naturalmente condenado às cinzas, à desolação, ao martírio e à dor” (Albuquerque Júnior, 2013, p. 127). Mas ao mesmo tempo é caracterizado como “refúgio, territórios sagrados, puros, de todas as ilhas da humanidade”. O Nordeste seria este território a ser preservado contra o torvelinho das metrópoles, contra as máquinas.” (Albuquerque Júnior, 2013, p. 141).

Essas características estão constantemente presentes na obra de Newton Navarro, assim como em suas pinturas, nota-se a representação de personagens típicos, a paisagem descrita possui o sol intenso, a terra seca e a vegetação da caatinga. Os temas abordados demonstram a dicotomia entre a vida calma e tranquila dos habitantes do sertão e as dificuldades enfrentadas pelos personagens para viver nesse ambiente árido e desafiador.

Por exemplo, o conto chamado O Boi Careta conta sobre o vaqueiro Chico, que procura o seu boi, Careta, perdido em meio a vegetação de espinhos da caatinga. Para isso, descreve a paisagem avermelhada e o clima típico da região: “O chão era de terra vermelha, varrido do vento. Vez por outra, – um Nordeste mais brando, passageiro – vento maluco, brincalhão,

levantando a poeira, fazia redemoinhos, trazendo um cheirinho de chuva. Mas, que nada! Molha não molha” (Navarro, 2016 ,p. 9). O autor também descreve a falta d’água e os sons do chocalho, urros sofridos do boi e os passos de Chico na terra, até que o vaqueiro encontra o boi:

O boi Careta, cangote estirado, o couro ainda mais distendido, quase se rasgando pelo esforço, lá estava. Dos beiços grossos, um sangue baboso caindo sobre os braços ásperos de uma touceira de xiquexique mal queimado. Chico ficou quieto, sem pensar em nada. “Assim, de repente, uma coisa daquela...”. E o boi Careta, a garganta atravessada de espinhos, urrava tristemente, arranhando com o casco, o chão da terra vermelha, chão da terra morta, onde o vento levantava poeira. (Navarro, 2016, p.10)

Porém o desfecho da história é que Chico apesar de reconhecer a triste situação, encara como algo costumeiro. Navarro demonstra isso por meio da descrição do pensamento do vaqueiro: “Pobre do boi Careta...”. Chico engoliu no seco e sentiu as mãos desajeitadas, sem o que fazer. “Besteira...”. Passou a manga da camisa nos olhos e mudou o pensamento” (Navarro, 2016 ,p. 12). E assim Navarro consegue demonstrar uma realidade sofrida, mas típica da região.

Porém, o outro lado do sertão como um lugar de tranquilidade também está representado na obra de Navarro como por exemplo na crônica “A alma do grande sertão” Navarro abre o texto dizendo:

Conquistar e conseguir a paz das coisas. E, mais que tudo, merecer essa dádiva de Deus, como um prêmio pelos muitos anos de trabalho na boa terra, sulcando-a com arados de sacrifício. Às vezes, em altas noites de luas claras, o suor do rosto caindo nas eiras, para saciar a sede do corpo e a vontade bíblica. E, então, conseguir, depois de tudo, a paz das coisas (Navarro, 2013, p.40).

E assim Navarro, mesmo que alinhado com o movimento regionalista freyriano, consegue passar um pouco de como foi a sua própria experiência frequentando o sertão, sobre o que viu e vivenciou.

O litoral nos pincéis e nas letras de Navarro

Em relação ao litoral e às paisagens do rio-mar, os trabalhos de Navarro mostram um pouco da experiência do artista nas capitais em que morou, principalmente Natal e Recife. Sobre Natal, Lucena (2020, p.44) conta que Navarro nasceu na casa da avó, localizada próximo ao

lugar chamado “Grande Ponto” no bairro Cidade Alta, centro da cidade. O bairro é onde está localizado o marco-zero, é um dos núcleos fundadores da cidade, mas no decorrer do século XX, com o processo de modernização e expansão dos limites da cidade, o bairro sofreu inúmeras transformações.

No ano de 1928, quando Navarro nasceu, o bairro era predominantemente residencial. Lucena (2020, p. 1380) relata que era ali que se concentravam as moradias da elite e os espaços de sociabilidade. Porém, apesar de Navarro ter nascido em meio a esse centro agitado, marcado pela burguesia e pela modernização da cidade, a característica predominante do seu trabalho sobre Natal é a valorização dos costumes tradicionais, do estilo de vida dos pescadores e dos trabalhadores que viviam próximos ao rio e nos bairros que, na época, eram considerados periféricos e estavam à margem dos processos de modernização urbana

Figura 5: Sem título (1987)



FONTE: Acervo Antônio Marques

Dentro dessa temática, observa-se que Navarro, tanto nas pinturas quanto na literatura, opta por representar a paisagem das praias, rios e até edificações da cidade com nenhum ou pouca presença de pessoas e estas quando aparecem são os pescadores, marinheiros, rendeiras e os trabalhadores que vivem próximo ao rio e ao mar (Figura 5).

Figura 6: Ponta Negra por Newton Navarro (1986)



FONTE: Coleção Particular

Costumam ser pinturas e descrições de lugares aparentemente isolados, com a natureza abundante, quase intocada. Os tons ocres e o sol forte perdem a força e o azul do céu e do mar é ressaltado.

A pintura acima é de 1986 e representa a Praia de Ponta Negra (Figura 6), uma praia de Natal que até a década de 1970 era considerada distante do centro e, por essa razão, a ocupação se resumia principalmente a uma vila de pescadores. Porém, quando Navarro fez essa pintura, a cidade já estava passando por um intenso processo de expansão. O bairro de Ponta Negra possuía dois conjuntos habitacionais e novas vias que o interligam a vários pontos da cidade, o que colaborou para colocar a praia e o bairro de Ponta Negra no circuito turístico e na lógica de valorização imobiliária. Ainda assim, mesmo em um momento em que a Praia de Ponta Negra mudava seu perfil, Navarro opta por representá-la quase intocada, apenas com a natureza característica do local e sem nenhuma figura humana.

Figura 7: Sem título por Newton Navarro (1987)



FONTE: Coleção Particular

A vida dos pescadores e daqueles que trabalham com os recursos do rio e do mar está sempre presente na obra de Navarro (Figura 7), tanto na escrita quanto nas pinturas. Isso é possível no trecho da crônica chamada “O Menino que Pesca” por exemplo:

Um instante de calma. O rio quase para de descer na maré baixa. E o mangue esverdeado ao sol, abrindo-se em convite nas gamboas misteriosas. Quase não se movimentam as canoas paradas. Nem sequer arfam as quilhas com os nomes vistosos. Nomes de mulheres distantes que ficaram em Macau, Areia Branca, Recife, Alagoas... Quanto muito, no vidro claro da água, um peixe-agulha corta com seu fio dorso de diamante; a lâmina que o sol faz fulgurante. E o sol, no alto, enche o sábado de claridade. Naturalmente tudo isso, porque hoje é sábado (Navarro, 2013, p. 147)

Tema também recorrente na crônica na crônica “Rua da Floresta”, sobre a qual ele conta um pouco do cotidiano de uma rua a beira rio no bairro das Rocas onde viviam os pescadores:

Rua da Floresta tem seu território particular. Campo de poesia. Pátria aberta dos pescadores. Um “boulevard” misterioso onde se escutam “estórias” fantásticas, de peixes, de afogados. Fala-se, ali, do mar como coisa “de casa”. Imagino a rua, nessas últimas noites de lua cheia. Não mais fui por lá. Ando muito distante da beleza. Não que, à maneira do poeta, a tivesse sentido amarga e a injuriado. Não; quem sou eu para essas posses? Sou tão pobre de Deus que até a riqueza humilde da minha cidade ando perdendo (NAVARRO, 2013, p.148)

Assim percebe-se que Navarro cresceu em meio a transformações e talvez por isso que sua obra, tanto as artes e plásticas como a escrita, costumam trazer um tom nostálgico, saudosista, apegado ao que seria as tradições do Nordeste. Albuquerque Júnior (2011) denomina isso de “Espaços de saudade” e “Enredos de tradição”, segundo ele isso é uma característica daqueles que de alguma maneira perderam “suas referências temporais e espaciais” (Albuquerque Júnior, 2011, p. 78).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Navarro ao se identificar com o movimento Regionalista Tradicionalista freyriano e ao produzir arte com essa temática saudosista sobre a cidade, demonstra a existência de um grupo afeiçoado às tradições que talvez nem tenham vivenciado, mas as utilizam para trazer um tom nostálgico às suas obras.

Assim, tanto Navarro quanto os demais artistas regionalistas ajudaram a perpetuar esses dois tipos de discursos que se consolidaram no imaginário sobre a cidade de Natal ou outras cidades do Nordeste. Desse modo, pode-se perceber que a partir desses trabalhos uma delicada marca de resiliência emerge. Resiliência não apenas no sentido de preservar tradições, mas também de resgatar e registrar culturas profundamente enraizadas. Percebe-se assim a importância da obra de Navarro não só para o Rio Grande do Norte, como também para toda a região do Nordeste.

AGRADECIMENTOS

As autoras agradecem ao Grupo de Pesquisa História da Cidade, do Território e do Urbanismo (HCurb) o material e infraestrutura disponibilizados e a Fundação Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) a bolsa de doutorado e de pós-doutorado.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE JR., Durval Muniz de. **A invenção do Nordeste e outras artes**. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

ALENCAR, José de. **O Sertanejo**. 17. ed. São Paulo: Martin Claret, 2010

ALMEIDA, Angela (Org.). **Newton Navarro: os frutos do amor amadurecem ao sol**. Natal: EDUFRN, 2019.

BLOCH, March. **A história, os homens e o tempo**. In: Apologia da História ou O Ofício do Historiador. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001

CHARTIER, Roger. **A história cultural: entre práticas e representações**. Lisboa: Difel; Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1988.

_____. **Leituras e leitores na França do Antigo Regime**. Tradução de Alvaro Lorencini. São Paulo: Edunesp, 2012

CUNHA, Euclides da. **Os Sertões**. 28. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2019

DANTAS, George A. F. **Linhas convulsas e tortuosas retificações: Transformações urbanas em Natal nos anos 1920**. 2003. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) - Escola de Engenharia de São Carlos, Universidade de São Paulo, São Carlos, 2003. Orientador: Carlos Roberto Monteiro de Andrade.

DEPARTAMENTO NACIONAL DE OBRAS CONTRA AS SECAS (DNOCS). **História**. Disponível em: <https://www.gov.br/dnocs/pt-br/acesso-a-informacao/institucional/historia>. Acesso em: 2 jul. 2024.

FERREIRA, Angela Lúcia; DANTAS, George A.; SIMONINI, Yuri (Ed.). **Contra as Secas: técnica, natureza e território**. Rio de Janeiro: Letra Capital, 2018.

FREYRE, Fernando de Mello. **O movimento regionalista e tradicionalista e a seu modo também modernista - algumas considerações**. Ciência e Trópico, Recife, v. 5, n. 2, p. 175-188, jul./dez. 1977.

FREYRE, Gilberto. **Nordeste: aspectos da influência da cana sobre a vida e a paisagem do Nordeste do Brasil**. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1937.

_____. **Manifesto regionalista**. 7.ed. Recife: FUNDAJ, Ed. Massangana, 1996.

_____. **Casa-Grande & Senzala: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal**. 48. ed. São Paulo: Global Editora, 2003

GALVÃO, Marlene Gouveia. **Newton Navarro: o artista e sua obra**. Natal: PRAEU, 1982. (Coleção Textos Acadêmicos, UFRN. Nº 73, ano 2, p.16).

LUCENA, Henrique Alexandre Medeiros de. **Um instante no tempo, gênese de mundos: a construção de um Rio Grande do Norte na perspectiva de Newton Navarro (1928-1980)**. 2020. 347f. Dissertação (Mestrado em História) - Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2020.

MADRUGA, Natália Melchuna. **Natal em prosa: representações da sociedade e da cidade nas crônicas de Augusto Severo Neto e Newton Navarro**. 2023. 141f. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) - Centro de Tecnologia, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2023. Orientador: George Alexandre Ferreira Dantas.

MENEZES, Djacir. **O outro Nordeste: formação social do Nordeste**. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1937.

NAVARRO, Newton. **Sete poemas quase inéditos e outras crônicas não selecionadas**. Paulo de Tarso Correia de Melo, Gustavo Sobral (Orgs.). Natal: Edufrn - Editora da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 2013. p.61-62

_____. **O menino que pesca**. In Navarro, Newton. Sete poemas quase inéditos e outras crônicas não selecionadas; Organizadores Paulo de Tarso Correia de Melo, Gustavo Sobral. - Natal: Edufrn - Editora da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 2013, p.145-146

_____. **Rua da Floresta**. In Navarro, Newton. Sete poemas quase inéditos e outras crônicas não selecionadas; Organizadores Paulo de Tarso Correia de Melo, Gustavo Sobral. - Natal: Edufrn - Editora da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 2013, p.147-148

_____. **Entrevista com Navarro**. Entrevista publicada por Woden Madruga. Coluna *Tribuna do Norte*, Natal, 2006. Disponível em: <https://tribunadonorte.com.br/colunas/jornal-de-wm/entrevista-com-navarro/>.

_____. **O boi careta e a morte do cavalo baio** [recurso eletrônico] / Newton Navarro ; Paulo de Tarso Correia de Melo, Gustavo Sobral. – Natal, RN: EDUFRN, 2016. 14,6 Mb ; PDF

OLIVEIRA, Giovana Paiva de. **A cidade do Natal/RN (Brasil) na II Guerra Mundial**. In: Encontro Nacional Da Associação Nacional De Pós-Graduação E Pesquisa Em Planejamento Urbano E Regional - ENANPUR, XVII, 2017.

PESAVENTO, Sandra Jatamy. **História & História Cultural**. 3. ed. - Belo Horizonte: Autêntica, 2012

RAMOS, Graciliano. **Vidas Secas**. 45. ed. Rio de Janeiro: Record, 2013.

ROSA, João Guimarães. **Grande Sertão: Veredas**. 22. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001

SECRETO, María Verónica. **A seca de 1877-1879 no Império do Brasil: dos ensinamentos do senador Pompeu aos de André Rebouças: trabalhadores e mercado**. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, Rio de Janeiro, v. 27, n. 1, p. 33-51, jan.-mar. 2020.

SOBRAL, Gustavo. Ensaio. **Navarro por completo**. In: Revista ANL, Revista da Academia de Letras do Rio Grande do Norte. Nº43, abri/junho 2015, p.39-53

SUASSUNA, Ariano. **Romance d'A Pedra do Reino e o Príncipe do Sangue do Vai-e-Volta**. 7. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2005.